

Um pouco a cada dia

Quando o fio da vida é rompido após o avançar dos anos, o último suspiro costuma ser suave. A morte não chega de modo abrupto. Ela se aproxima aos poucos, dia a dia, e nos alcança quando estamos prontos para recebê-la, aguardando-a em um universo particular.

Nesses casos, a morte é um processo contínuo. Morre-se diariamente, no sepultamento de cada amigo ou no abraço de despedida dado àqueles que vão para distante, levando consigo a cumplicidade das momentos vividos em comum. E esses momentos passam a ficar acumulados em nosso peito. É impossível rememorar-los com igual emoção na companhia de outrem.

E cada despedida é também uma interrupção em nossa história, fazendo cessar uma sequência de sorrisos íntimos, de olhares que se compreendem, de abraços aconchegantes.

Morre-se lentamente também com a mudança dos valores. Aos poucos, a moral que nos define enquanto pessoa segue seu destino de tornar-se obsoleta, fazendo-nos ultrapassados, exóticos até em nosso próprio seio familiar. Com isso, vêm os conflitos e a sensação de que não evoluímos, ficando presos a outro tempo, a um passado que se torna mais distante a cada página virada do calendário. Passamos a ser vistos, então, como seres imóveis no tempo e no espaço, alheios aos acontecimentos e aos sabores da vida, como pedra ou árvore.

Morre-se ainda com a despedida de cada ídolo – não propriamente pela comoção da perda, mas pelo elo que se desfaz entre nós e os nossos semelhantes. Cada cantor, ator, escritor que parte, é menos uma referência afetiva que teremos em comum com os mais jovens. Eles acalentarão outras paixões, parte de uma estética que jamais compreenderemos, como

eles nunca compreenderão as nossas – ou pior, talvez as novas gerações sequer ouvirão dos artistas que nos emocionaram e fizeram nossas cabeças.

Com a passagem delas, as horas, tornamo-nos arcaicos, envoltos por baús, bibelôs e memórias cujo pouco interesse que provocam nas demais pessoas deve-se apenas à afetividade que elas nos devotam.

Foi assim, envolta em seu universo, que dona Conceição, de 87 anos, faleceu serenamente durante o sono. Ao seu lado, estava uma blusa de crochê que ela não concluiu, mas que sua neta jamais usaria, embora viesse a recebê-la com um sorriso sincero e retribuísse o mimo com um abraço bem gostoso. O pequeno universo de dona Conceição era adornado por fotografias amareladas, onde ela se mostrava sempre sisuda, junto a familiares e amigos há mais de década ausentes desse plano. Também marcava o ambiente objetos pesados, deslocados no tempo, que destoavam da mobília da casa de sua filha, onde ela se acomodou nos últimos anos, desde a morte do marido.

No quarto ao lado, a neta de dona Conceição, Cláudia, de 21 anos, morre lentamente, precocemente, imersa em um universo tão particular quanto o da avó, porém sem a mesma serenidade da matriarca. Entre sons de Itamar Assunção, imagens de Frida Kahlo e palavras de Kafka, Nietzsche e Hilda Hilst, ela se refugia, arcaica, obsoleta, com ideais aparentemente delirantes, incompreensíveis àqueles que a cercam. Um ser deslocado entre os seus, em seu próprio tempo. Está cansada de enxergar a ausência de encantos, a ferrugem nos sorrisos e de permanecer à espera de que o acaso lhe estenda os braços.

Para Renato Russo

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/um-pouco-a-cada-dia>